

Spleen (IV)

Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couvercle,
Sur l'esprit gémissant en proie aux longs ennuis,
Et que de l'horizon embrassant tout le cercle
Il nous verse un jour noir plus triste que les nuits;

Quand la terre est changée en un cachot humide,
Où l'Espérance, comme une chauve-souris,
S'en va battant les murs de son aile timide
Et se cognant la tête à des plafonds pourris;

Quand la pluie étalant ses immenses traînées
D'une vaste prison imite les barreaux,
Et qu'un peuple muet d'infâmes araignées
Vient tendre ses filets au fond de nos cerveaux,

Des cloches tout à coup sautent avec furie
Et lancent vers le ciel un affreux hurlement,
Ainsi que des esprits errants et sans patrie
Qui se mettent à geindre opiniâtrément.

— Et de longs corbillards, sans tambours ni musique,
Défilent lentement dans mon âme; l'Espoir,
Vaincu, pleure, et l'Angoisse atroce, despotique,
Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.

Spleen (IV)

Quando o céu baixo e hostil pesa como uma tampa
Sobre a alma que, gemendo, ao tédio ainda resiste,
E, do horizonte todo enleando a curva escampa,
Distilla um dia escuro e mais que as noites triste;

Quando a terra se torna em húmida enxovia
Onde a Esperança, como um morcego perdido,
Nos muros vai bater a aza tímida e fria
E a cabeça ferir no tecto apodrecido;

Quando a chuva a escorrer suas cordas tamanhas
De uma vasta prisão as grades delinea,
E a muda multidão das infâmes aranhas
No cérebro da gente estende a sua teia,

Sinos badalam, de repente, furibundos
E lançam contra o céu um rugido insolente,
Como espiritos que sem patria e vagabundos
Começam a gemer recalcitrantemente.

— E enterros longos, sem tambor e sem trombeta,
Desfilam lentamente em minha alma; a Esperança,
Vencida, ehora, e a Angústia prepotente avança
E em meu crânio infeliz planta a bandeira preta.

Charles Baudelaire

in Les Fleurs du Mal

Trad. de Guilherme de Almeida

Quando o céu plúmbeo e baixo pesa como tampa
Sobre o espírito exposto ao tédio e aos açoites,
E, ungando toda a curva do horizonte, estampa
Um dia mais escuro e triste do que as noites;

Quando a terra se torna em calabouço horrendo,
Onde a Esperança, qual morcego espavorido,
Sua asa tímida nos muros vai batendo
E a cabeça roçando o teto apodrecido;

Quando a chuva, a escorrer as tranças fugidias,
Imita as grades de uma lúgubre cadeia,
E a muda multidão das aranhas sombrias
Estende em nosso cérebro uma espessa teia,

Os sinos dobram, de repente, furibundos
E lançam contra o céu um uivo horripilante,
Como os espíritos sem pátria e vagabundos
Que se põem a gemer com voz recalcitrante.

— Sem música ou tambor, desfila lentamente
Em minha alma um a esguia e fúnebre carreta;
Chora a Esperança, e a Angústia, atroz e
/prepotente,
Finca em meu crânio penso uma bandeira preta.

(trad. Ivan Junqueira)

CHARLES BAUDELAIRE - LES FLEURS DU MAL

XXXIX

Je te donne ces vers afin que si mon nom
Aborde heureusement aux époques lointaines,
Et fait rêver un soir les cervelles humaines,
Vaisseau favorisé par un grand aquilon,

Ta mémoire, pareille aux fables incertaines,
Fatigue le lecteur ainsi qu'un tympanon,
Et par un fraternel et mystique chaînon
Reste comme pendue à mes rimes hautaines;

Être maudit à qui, de l'abîme profond
Jusqu'au plus haut du ciel, rien, hors moi, ne
/répond!

— O toi qui, comme une ombre à la trace
/éphémère,

Foules d'un pied léger et d'un regard serein
Les stupides mortels qui t'ont jugée amère,
Statue aux yeux de jais, grand ange au front
d'airain!

Estes versos te dou para que se algum dia
O meu nome alcançar as épocas futuras,
Transmitindo o meu sonho às humanas criaturas,
Qual veleiro que um Aquilão protege e guia,

Tua memória semelhante a vaga lenda
Canse os leitores como um tímpano fremente,
E elo fraterno de uma espiritual corrente,
Às minhas rimas entrelaçadas se prenda.

Ente maldito que desde o abismo mais fundo
Ao mais alto do céu só tens a mim no mundo,
És qual sombra de rastro efêmero, que aponte

Ao longe, e passe leve, olhando em volta a fátua
Gente mortal que te acha amarga e rude, Estátua
De olhos de jade, grande Anjo de brônzea fronte!

(trad. de Dante Milano)

Estes versos te dou para que, se algum dia,
Feliz chegar meu nome às épocas futuras,
E lá fizer sonhar as humanas criaturas,
Nau que um esplêndido aquilão ampara e guia.

Tua memória, irmã das fábulas obscuras,
Canse o leitor com pertinaz monotonia,
E presa por grilhão de mística energia,
Suspensa permaneça em minhas rimas puras.

Maldita que, do céu infindo ao mais profundo
Abismo, a mim somente escutas neste mundo!
— Oh tu que, como sombra da existência fátua,

Pisas de leve, sem que aqui jamais te afronte
Nenhum mortal que te suponha amarga, estátua
De olhos de jade, grande anjo de brônzea frente!

(trad. de Ivan Junqueira)

XXXIII

REMORSO PÓSTUMO

Quando fores dormir, ó bela tenebrosa,
Em teu negro e marmóreo mausoléu, e não
Tiveres por alcova e refúgio senão
Uma cova deserta e uma tumba chuvosa;

Quando a pedra, a oprimir tua carne medrosa
E teus flancos sensuais de lânguida exaustão,
Impedir de querer e arfar teu coração,
E teus pés de correr por trilha aventureira,

O túmulo, no qual em sonho me abandono
10 — Porque o túmulo sempre há de entender o poeta —,
Nessas noites sem fim em que nos foge o sono,

Dir-te-á: “De que valeu, cortesã incompleta,
Ao pé dos mortos ignorar o seu lamento?”
— E o verme te roerá como um remorso lento.

(Trad. Ivan Junqueira)

XCIII. -- A UNE PASSANTE

La rue assourdissante autour de moi hurlait.
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,
Une femme passa, d'une main fastueuse
Soulevant, balancant le feston et l'ourlet ;

Agile et noble, avec sa jambe de statue.
Moi, je buvais, crispé comme un extravagant,
Dans son oeil, ciel livide où germe l'ouragan,
La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.

Un éclair... puis la nuit ! --Fugitive beauté
Dont le regard m'a fait soudainement renaître,
Ne te verrai-je plus que dans l'éternité ?

Ailleurs, bien loin d'ici ! trop tard ! jamais peut-être !
Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais,
O toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais !

Charles BAUDELAIRE, *Les Fleurs du mal* (1857)

A uma passante

A rua em derredor era um ruído incomum,
longa, magra, de luto e na dor majestosa,
Uma mulher passou e com a mão faustosa
Erguendo, balançando o festão e o debrum;

Nobre e ágil, tendo a perna assim de estátua exata.
Eu bebia perdido em minha crispação
No seu olhar, céu que germina o furacão,
A doçura que embala o frenesi que mata.

Um relâmpago e após a noite! — Aérea beldade,
E cujo olhar me fez renascer de repente,
So te verei um dia e já na eternidade?

Bem longe, tarde, além, jamais provavelmente!
Não sabes aonde vou, eu não sei aonde vais,
Tu que eu teria amado — e o sabias demais!

Tradução Jamil Almansur Haddad

A Uma Passante

A rua, em torno, era ensurdecidora vaia.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão vaidosa
Erguendo e balançando a barra alva da saia;

Pernas de estátua, era fidalga, ágil e fina.
Eu bebia, como um basbaque extravagante,
No tempestuoso céu do seu olhar distante,
A doçura que encanta e o prazer que assassina.

Brilho... e a noite depois! - Fugitiva beldade
De um olhar que me fez nascer segunda vez,
Não mais te hei de rever senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!
Pois não sabes de mim, não sei que fim levaste,
Tu que eu teria amado, ó tu que o adivinhaste!

tradução Guilherme de Almeida

A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz... e a noite após! — Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! "nunca" talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!

Tradução Ivan Junqueira

*Após amoroso lance,
e não de esperança falto,
voei tão alto, tão alto,
que lhe dei à caça alcance.*

1 Para que eu alcance desse
a este lance divino,
voar tanto foi preciso
que de vista me perdesse,
e, contudo, neste transe
no meu vôo fiquei falto,
mas o amor foi tão mais alto
que lhe dei à caça alcance.

2 Quanto mais alto subia
deslumbrava-se-me a vista,
e a poderosa conquista
só no escuro se fazia,
mas, por ser de amor o lance,
dei um cego e obscuro salto,
e fui tão alto tão alto
que lhe dei à caça alcance.

3 Quanto mais alto chegava
deste lance tão subido
tanto mais baixo e rendido
e abatido me encontrava:
Disse: Não há quem alcance.
E me abati tanto tanto
que fui tão alto tão alto
que lhe dei à caça alcance.

4 De uma estranha maneira
mil vôos passei de um vôo,
porque esperança do céu
tanto alcança quanto espera;
esperei somente o lance
e não fui na espera falto,
pois fui tão alto tão alto
que lhe dei à caça alcance.

*Tras de un amoroso lance
y no de esperanza falto
volé tan alto tan alto
que le di a la caça alcance.*

1 Para que yo alcance dicesse
a aqúeste lance divino
tanto bolar me convino
que de vista me perdiessse
y con todo en este trance
en el buelo quedé falto
mas el amor fue tan alto
que le di a la caça alcance.

2 Quando más alto subía
deslumbróseme la vista
y la más fuerte conquista
en escuro se hacía
mas por ser de amor el lance
di un ciego y obscuro salto
y fuy tan alto tan alto
que le di a la caça alcance.

3 Cuánto más alto llegavá
de este lance tan subido
tanto más baxo y rendido
y abatido me hallava:
dixe: No abrá quien alcance.
Abatíme tanto tanto
que fuy tan alto tan alto
que le di a la caça alcance.

4 Por una estraña manera
mil buelos pasé de un buelo
porque esperanza de cielo
tanto alcança quanto espera
esperé solo este lance
y en esperar no fuy falto
pues fuy tan alto tan alto,
que le di a la caça alcance.

ÉLÉVATION

*Au-dessus des étangs, au-dessus des vallées,
Des montagnes, des bois, des nuages, des mers,
Par delà le soleil, par delà les éthers,
Par delà les confins des sphères étoilées,*

*Mon esprit, tu te meus avec agilité,
Et, comme un bon nageur qui se pâme dans l'onde,
Tu sillonnes gaiement l'immensité profonde
Avec une indicible et mâle volupté.*

*Envoie-toi bien loin de ces miasmes morbides,
Va te purifier dans l'air supérieur,
Et bois, comme une pure et divine liqueur,
Le feu clair qui remplit les espaces limpides.*

*Derrière les ennuis et les vastes chagrins
Qui chargent de leur poids l'existence brumeuse,
Heureux celui qui peut d'une aile vigoureuse
S'élançer vers les champs lumineux et sereins!*

*Celui dont les pensées, comme des alouettes,
Vers les cieux le matin prennent un libre essor,
— Qui plane sur la vie, et comprend sans effort
Le langage des fleurs et des choses muettes!*

Aluabramento

Eu vi os céus! Eu vi os céus!
Oh, essa angélica brancura
Sem tristes pejos e sem véus!

Nem uma nuvem de amargura
Ven a alma desassossegar.
E sinto-a bela...e sinto-a pura...

Eu vi nevar! Eu vi nevar!
Oh, cristalizações da bruma
A amortalhar, a cintilar!

Eu vi o mar! Lírios de espuma
Vinham desabrochar à flor
Da água que o vento desapruma...

Eu vi a estrela do pastor...
Vi a licorne alvinitente!...
Vi...vi o rastro do Senhor!

E vi a Via-Láctea ardente...
Vi conunhões...capelas...véus...
Súbito...alucinadamente...

Vi carros triunfais...troféus...
Pérolas grandes como a lua...
Eu vi os céus! Eu vi os céus!

-Eu vi-a nua...toda nua!

(Clavadel, 1913. In: *Carnal*)

ELEVAÇÃO

Por sobre os pantanais, os vales orvalhados,
As montanhas, os bosques, as nuvens, os mares,
Para além do ígneo sol e do éter que há nos arcs,
Para além dos confins dos tetos estrelados,

Flutuas, meu espírito, ágil peregrino,
E, como um nadador que nas águas afunda,
Sulcas alegremente a imensidão profunda
Com um lascivo e fluido gozo masculino.

Vai mais, vai mais além do lodo repelente,
Vai te purificar onde o ar se faz mais fino,
E bebe, qual licor translúcido e divino,
O puro fogo que enche o espaço transparente.

Dejos do tédio e dos desgostos e das penas
Que gravam com seu peso a vida dolorosa,
Feliz daquele a quem uma asa vigorosa
Pode lançar às várzeas claras e serenas;

Aquele que, ao pensar, qual pássaro veloz,
De manhã rumo aos céus liberto se distende,
Que paira sobre a vida e sem esforço entende
A linguagem da flor e das coisas sem voz!

LXXXVII

O SOL

Ao longo dos subúrbios, onde nos pardieiros
Persianas acobertam beijos sorrateiros,
Quando o impiedoso sol arroja seus punhais
Sobre a cidade e o campo, os tetos e os trigais,
Exercerei a sós a minha estranha esgrima,
Buscando em cada canto os aços da rima,
Tropeçando em palavras como nas calçadas,
Topando imagens desde há muito já sonhadas.

Este pai generoso, avesso à tez morbosa,
No campo acorda tanto o verme quanto a rosa;
Ele dissolve a inquietação no azul do céu,
E cada cérebro ou colmeia enche de mel.
É ele quem remoça os que já não se movem
E os torna doces e febris qual uma joiem,
Ordenando depois que amadureça a messe
No eterno coração que sempre refloresce!

Quando às cidades ele vai, tal como um poeta,
Eis que redime até a coisa mais abjeta,
E adentra como rei, sem bulha ou serviços,
Quer os palácios, quer os tristes hospitais.

XCV

O CREPÚSCULO VESPERTINO⁷¹

Eis a noite sutil, amiga do assassino;
Ela vem com um cúmplice, a passo lupino;
Qual grande alcova o céu se fecha lentamente
E em besta-fera torna-se o homem impaciente.

Ó noite, amável noite, almejada por quem
Cujas mãos, sem mentir, podem dizer: Amém,
Ganhamos nosso pão! — É a noite que alivia
As almas que uma dor selvagem suplicia,
O sábio cuja frente pesa sem proveito,
E o recurvo operário que regressa ao leito.
Entretanto, demônios insepultos no ócio
Acordam do estupor, como homens de negócio,
E estremeçam a voar o postigo e a janela.
Através dos clarões que o vendaval flagela
O Meretrício brilha ao longo das calçadas;
Qual formigueiro ele franqueia mil entradas;
Por toda parte engendra uma invisível trilha,
Assim como o inimigo apronta uma armadilha;
Pela cidade imunda e hostil se movimenta
Como um verme que ao Homem furta o que o sustenta.
Ouvem-se aqui e ali as cozinhas a chiar,
Os teatros a ganir, as orquestras a ecoar;
Sobre as roletas em que o jogo encena farsas
Curvam-se escroques e rameiras, seus comparsas,
E os ladrões, que perdão ou trégua alguma têm,
Começam cedo a trabalhar, eles também,
Forçando docemente o trinco e a fechadura
Para que a vida não lhes seja assim tão dura.

Recolhe-te, minha alma, neste grave instante,
E tapa teus ouvidos a este som uivante.
É o momento em que as dores dos doentes culminam!
A Noite escura os estrangula; eles terminam

Seus destinos no horror de um abismo comum;
Seus suspiros inundam o hospital; mais de um
Não mais virá buscar a sôpa perfumada,
Junto do fogo, à tarde, ao pé da bem-amada.

E entre eles muitos há que nunca conheceram
A doçura do lar e que jamais viveram!

O CISNE

A Victor H

1

Andrômaca,⁵⁹ só penso em ti! O fio d'água
Soturno e pobre espelho onde esplendeu outrora
De tua solidão de viúva a imensa mágoa,
Este mendaz Símeonte⁶⁰ em que teu pranto aflora,

Fecundou-me de súbito a fértil memória;
Quando eu cruzava a passo o novo Carrossel.
Foi-se a velha Paris (de uma cidade a história
Depressa muda mais que um coração infiel);

Só na lembrança vejo esse campo de tendas,
Capitéis e cornijas de esboço indeciso,
A relva, os pedregulhos com musgo nas fendas,
E a miuçalha a brilhar nos ladrilhos do piso.

Ali havia outrora os bichos de uma feira;
Ali eu vi, certa manhã, quando ao céu frio
E límpido o Trabalho acorda, quando a poeira
Levanta no ar silente um furacão sombrio,

Um cisne que escapara enfim ao cativoiro
E, nas ásperas lajes os seus pés ferindo,
As alvas plumas arrastava ao chão grosseiro.
Junto a um regato seco, a ave, o bico abrindo,

No pó banhava as asas cheias de aflição,
E dizia, a evocar o seu lago natal:
"Água, quando cairás? quando soarás, trovão?"
Eu vejo esse infeliz, mito estranho e fatal,

Tal qual o homem de Ovídio, às vezes num impulso,
Erguer-se para o céu cruelmente azul e irônico,
A cabeça a emergir do pescoço convulso,
Como se a Deus lançasse um desafio agônico!

2

Paris muda! mas nada em minha nostalgia
Mudou! novos palácios, andaimos, lajedos,
Velhos subúrbios, tudo em mim é alegoria,
E essas lembranças pesam mais do que rochedos.

Também diante do Louvre uma imagem me oprime:
Penso em meu grande cisne, quando em fúria o vi,
Qual exilado, tão ridículo e sublime,
Roído de um desejo infindo! e logo em ti,

Andrômaca, às carícias do esposo arrancada,
De Pirro⁶¹ a escrava, gado vil, trápo terreno,
Ao pé de ermo sepulcro em êxtase curvada,
Triste viúva de Heitor⁶² e, após, mulher de Heleno!⁶³

E penso nessa negra, enferma e emagrecida,
Pés sob a lama, procurando, o olhar febril,
Os velhos coqueirais de uma África esquecida
Por detrás das muralhas do nevoeiro hostil;

Em alguém que perdeu o que o tempo não traz
Nunca mais, nunca mais! nos que mamam da Dor
E das lágrimas bebem qual loba voraz!
Nos órfãos que desfinam mais do que uma flor!

Assim, a alma exilada à sombra de uma faia,
Uma lembrança antiga me ressoa infinda!
Penso em marujos esquecidos numa praia,
Nos párias, nos galés... e em outros mais ainda!